

## INTRODUÇÃO: PELOS CAMINHOS DA IMPRENSA NO BRASIL

*Ana Luíza Martins  
Tania Regina de Luca*

A história do Brasil é repleta de peculiaridades. Nossa Independência foi declarada pelo filho do imperador português. Passamos a maior parte do século XIX sob uma Monarquia, enquanto o resto do continente era republicano. Assim, não é de espantar que o primeiro jornal brasileiro tivesse sido publicado em... Londres. De fato, o *Correio Braziliense* surgiu em 1808. Opositorista e crítico, o periódico era feito na Inglaterra, mas discutia os problemas da Colônia e atravessava o oceano Atlântico para circular por aqui. Assim, no mesmo ano em que a Corte portuguesa transferiu-se para o Rio de Janeiro fugindo de Napoleão, o jornal idealizado e realizado por Hipólito da Costa, disponível a nobres e plebeus do Novo Mundo, estava longe de ser um beija-mão dos poderosos.

A diversidade de títulos começaria logo. A chegada da Corte mudaria radicalmente a vida da colônia, que se torna sede da monarquia portuguesa. Às tão citadas abertura dos portos e fundação do Banco do Brasil, somou-se a menos propalada criação da Imprensa Régia, responsável, a médio prazo, pela impressão dos vários periódicos em terras brasileiras. Somente em São Paulo foram registrados cerca de 1.500 títulos no fim do século XIX. Em geral, jornais simples, com duas páginas, eles foram ganhando simpatia da população letrada. Hoje, há títulos para todos os gostos. Há jornais novos, outros que começaram a circular ainda no Império. Há revistas de informações gerais, outras voltadas a nichos específicos. Há, também, variedade

de preço e formas diversas de distribuição, que vão da entrega em semáforo a domiciliar, passando pela venda em bancas. Não é de hoje que há publicações colocadas à disposição em consultórios, aviões e em táxis. E mais recentemente a internet criou outras formas de embalar e fazer circular a informação.

Mas voltemos aos primórdios. A nação brasileira nasce e cresce com a imprensa. Uma explica a outra. Amadurecem juntas. Os primeiros periódicos iriam assistir à transformação da Colônia em Império e participar intensamente do processo. A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. Tem certidão de nascimento lavrada em 1808, mas também é veículo para a reconstrução do passado.

Os impressos que por aqui circularam em duzentos anos não só testemunham, registram e veiculam nossa história, mas são parte intrínseca da formação do país. Em outras palavras: a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se auto-explicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel. Nesse cenário, muitas vezes os personagens são exatamente os mesmos, na imprensa, na política e nas instituições. Em outras, são, no mínimo, bastante próximos, pois intervenções políticas de peso são decididas no interior das redações, estabelecendo e testemunhando avanços e recuos das práticas dos governos, da dinâmica do país, da formação de seu povo, do destino nacional. E os exemplos vêm da Colônia, passam pelo Império, persistem na Primeira República, seguem no Estado Novo e chegam até nossos dias.

Esse duplo papel faz com que o tema deste livro não seja pertinente apenas a jornalistas e historiadores. Se aqueles precisam conhecer melhor o meio no qual trabalham e estes valorizam um tipo de documento riquíssimo e detalhado, a história da imprensa é irmã siamesa da cidadania, do espaço público compartilhado e da democracia. Um livro que trace um panorama das diversas contradições, novidades e peculiaridades de nossa imprensa conta, portanto, a nossa história. Não há como escrever sobre a história da imprensa sem relacioná-la com a trajetória política, econômica, social e cultural do país. A relação entre imprensa e poder, o equilíbrio tênue de dependência e crítica, de observação e subserviência, a busca da liberdade e a censura são destrinchados e analisados nos capítulos que seguem.

## O que quer este livro

Em face da existência de raras abordagens sistemáticas do processo midiático no Brasil e da enormidade de textos que o tratam fragmentada e pontualmente, este livro tem um duplo propósito: em primeiro lugar, dar conta de uma *História da imprensa no Brasil*, valendo-se dos estudos pontuais de especialistas, que refletem sobre o singular e rico fazer histórico da imprensa brasileira. São eles que nos dão os nexos das partes constitutivas desse longo processo, por meio de abordagens inovadoras, que desvendam acervos, desmontam visões consagradas e põem em discussão afirmações viciadas e recorrentes de nossa bibliografia sobre o tema. Trabalhando com metodologias contemporâneas, realizando levantamentos exaustivos, dominando diversas fontes, vivenciando o fazer da imprensa no interior das próprias redações, esses profissionais alinham-se em torno de um denominador comum e produziram reflexões que dão conta dessa abrangência, em suas respectivas áreas de conhecimento e/ou períodos sugeridos.

Em segundo lugar, esta obra busca atingir um outro objetivo, quase uma ambição, a de preencher um importante espaço no âmbito bibliográfico, voltado para uma História sistemática e abrangente do fazer jornalístico no Brasil, visto pela ótica de especialistas da matéria. E se usamos o termo bibliografia em lugar de historiografia é porque a iniciativa nesse campo de investigação não coube, a princípio, a historiadores de ofício, mas decorreu do inicial zelo de estudiosos autodidatas, profissionais da imprensa e bibliotecários que coletaram, sistematizaram e registraram a produção multifacetada de um país onde os prelos e a editoração tardaram a chegar. Investiram, sobretudo, na reconstituição da produção periódica, gênero recorrente no país, que, até o início do século xx, sem casas editoriais, tinha nas folhas baratas do jornal ou da revista o espaço legitimador do impresso.

Logo, na chave ampla do periodismo, privilegiamos os estudos de jornais e revistas, realizados sob as mais diversas óticas. É inegável o caráter de fonte primária relevante que eles possuem para os estudos históricos, motivo principal de sua escolha, assim como a especificidade temática das revistas, atualmente muito utilizadas, em particular no âmbito da literatura e da historiografia.

## Construindo uma História da imprensa no Brasil

Exatamente pela diversidade e riqueza de temas, espaços e tempos que regem a história da imprensa no Brasil, o projeto editorial que preside este livro valeu-se de especialistas de várias áreas, olhares múltiplos que procuraram dar conta de recortes fundamentais desse rico processo histórico. Para isso, reuniu historiadores, docentes da academia e profissionais da imprensa, cujas formações, metodologias de abordagem e até linguagem específica permitiram a produção de capítulos circunstanciados, que retomam em ampla perspectiva aspectos relevantes dos caminhos da imprensa no Brasil.

Três partes definem essa abordagem. A primeira, *Primórdios da imprensa no Brasil*, retoma o período fundador e heróico da constituição da palavra impressa, em que coexistem escritos oficiais e manifestações de expressão nativa, espontâneas, que já trazem a marca de uma produção própria, de um olhar crítico e reivindicador de políticas autônomas no território abafado por sua condição colonial. Trevas e luz, percebidas respectivamente na ação da forte censura oficial e nas produções clandestinas de textos inspirados, resultaram no espaço complexo trilhado pelos “Primeiros passos da palavra impressa”, capítulo inaugural do historiador e jornalista Marco Morel, em que o autor questiona os clichês do atraso, da censura e do oficialismo como fatores explicativos dos primeiros tempos da imprensa (ou de sua ausência). Na seqüência, a “Imprensa em tempos de Império”, recuperada pela historiadora Ana Luiza Martins, apresenta-se em uma sociedade de Corte, marcada pelas identidades cambiantes e os estágios culturais diferenciados de uma monarquia nos trópicos, cercada de repúblicas. Do jornalismo áulico aos textos panfletários e às modestas “folhas do interior” – na sua maioria embalados no tratamento condoreiro arrebatado do romantismo imperante –, a imagem jocosa da caricatura se impôs, ilustrando aquele cotidiano e definindo novos rumos da liberdade do país, de sua economia, de sua gente. Findo o século XIX e virada a página monárquica, o cenário se transforma.

Vem, então, a segunda parte, a dos *Tempos eufóricos da imprensa republicana*, que carrega a idéia de Ordem e Progresso e é marcada pelas conquistas técnicas do então “novo século”. Em

princípio, o país livrara-se da mancha da escravidão, ocupava lugar privilegiado na balança internacional como primeiro produtor de café do mundo, alardeava a educação livre para todos e, com dinheiro emprestado da Inglaterra, redesenhava suas capitais à imagem da tão civilizada França. Mas esse mesmo Brasil permanecia oligarca, monocultor, analfabeto.

Sobrepondo-se aos anacronismos de toda a ordem, a chegada do século xx se impôs com seu cortejo sedutor de novidades prontamente trazidas para a criação da grande imprensa e a ampliação do parque gráfico. Luz elétrica, telefone, cinematógrafo, bondes elétricos, automóvel, máquina de escrever, zepelins, além de estruturas de ferro pré-fabricadas que resultavam em edificações de impacto na paisagem e maquinário gráfico agilizado, otimizaram uma imprensa que se pretendia missionária na pregação do Brasil Civiliza-se! O telégrafo submarino e sem fio aproximou-nos dos jornais europeus, pois passou a ocorrer uma simultaneidade na publicação de informações. Houve uma ampliação de títulos e os jornais diários – já conformando a grande imprensa – figuravam como conglomerados poderosos, definindo os rumos do país. Nesse momento, a profissionalização do setor se confirma.

Do texto branco e preto do papel-jornal às coloridas páginas de revista, a estética dos escritos se traduziu no estilo parnasiano, no simbolismo elegante da capital federal, nas tantas inovações modernistas, nos escritos de uma produção étnica de traços próprios, nos artigos doutrinários do discurso anarquista, que tinha no expressionismo russo a inspiração para suas ilustrações. Assim, em “Imprensa a serviço do progresso”, a socióloga Maria de Lourdes Eleutério trata da sucessão de conquistas desse preâmbulo republicano, que incorpora avidamente o novo.

A “Diversificação e segmentação dos impressos” é minuciosamente trabalhada pela historiadora Ilka Stern Cohen, que traça rico panorama da diversificação social do país, que se reflete na pluralidade editorial das publicações. Até aqui, tem-se abordagens de caráter mais amplo, que procuram dar conta de vasto conjunto de transformações, inerentes ao período. O trabalho com a imprensa, porém, comporta outros ritmos, como atesta o debruçar-se sobre um segmento específico, espécie de contraponto ao conjunto efervescente daquele inaugural século xx, mas também exemplo

da variedade de procedimentos metodológicos que o objeto comporta. É o que se infere da especial conjugação de “Imprensa, cultura e anarquismo”, reflexão apurada do professor de teoria literária Antonio Arnoni Prado, que desenvolve fina crítica acerca do periodismo anarquista.

Fechando esse tempo de tentativas, conquistas e avanços e como seu corolário, a historiadora Tania Regina de Luca apresenta a “A grande imprensa na primeira metade do século xx”, que, além de discutir o sentido do jargão, retraça o percurso de alguns dos principais títulos do país e o entrelaçamento entre imprensa e vida política nas primeiras décadas do século passado, marcadas pela chamada Primeira República, Movimento de 1930 e o Estado Novo.

A complexidade dessa grande imprensa, regida pelo pêndulo do mercado, irremediavelmente associado à engrenagem capitalista, demanda a terceira parte, *De 1950 aos nossos dias*. A despeito do advento do rádio na década de 1920 e da inauguração da televisão em 1950, o veículo impresso manteve-se cumprindo seu papel de quarto poder, mobilizando decisivamente os destinos do país. Não sem agravantes, que determinaram escritos da imprensa que se traduziram em sangue, morte e rupturas. Um desses processos marcantes é tratado pela jornalista Ana Maria de Abreu Laurenza. Em “Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda”, a autora recompõe o pesado jogo de forças entre governo e jornais, episódio que escancara as entranhas do país. Getúlio Vargas, Assis Chateaubriand, Carlos Lacerda e Samuel Wainer protagonizam um dos confrontos mais acirrados da história da imprensa no Brasil, noticiado criteriosamente através de rica documentação, das fontes primárias aos depoimentos de testemunhas do período.

Em meio às turbulências dos meios de comunicação controlados por ditaduras, seguidas de aberturas e experiências democráticas, as revistas impõem-se como veículo potencializado, inclusive para a prestação de serviços, enquanto espelham e ampliam mais um retrato do Brasil, via imprensa. Em “A era das revistas de consumo”, o jornalista e consultor Thomaz Souto Corrêa produz um dos mais completos balanços dessa modalidade periódica, que se segmentou em paralelo à diversidade regional e às múltiplas temporalidades culturais que definem o país. E aqui vale registrar que o processo é descrito por quem dele participou ativamente, escolha que revela

a intenção de pluralizar as possibilidades de se contar o que foi a trajetória da imprensa no Brasil, opção também mantida no capítulo subsequente, consagrado à imprensa alternativa.

Face ao quadro de repressão imposto pela ditadura militar, a imprensa amordaçada recuperou estratégias seculares de comunicação. Traços caricatos do humor e pautas inusitadas permitiram improvisar caminhos em direção à liberdade e à reconstrução do estado de direito. “Imprensa alternativa: *Opinião, Movimento e Em Tempo*”, de autoria do professor de letras Flávio Aguiar, traz um relato de história e memória desse período, escrito por quem atuou no interior das redações e vivenciou o curso dos acontecimentos, convivendo com seus principais atores e produzindo alguns daqueles veículos.

Em tempos de informática e globalização, a revolução a que se assiste é veloz. A notícia transmitida em tempo real, os recursos tecnológicos de ponta que unem instantaneamente as partes do globo, pede registros contemporâneos, de quem testemunha no dia-a-dia e no calor das redações, a nova era da comunicação *online*. É o que mostram os jornalistas Luiza Villaméa em “Revolução tecnológica e reviravolta política” e Cláudio Camargo em “O meio é a mensagem: a globalização da mídia”.

## **Outras histórias**

Antes, porém, de iniciarmos nossa *História da imprensa no Brasil* convidamos o leitor a percorrer conosco outras iniciativas desse porte. Esse título abrangente, sugestivo da ampla abordagem do tema, foi assumido tardiamente por estudiosos do impresso no país e, até hoje, comparece com raras menções na bibliografia pertinente. Essa ausência, justificada em parte pelo crônico descaso na recuperação dos registros de nossa história e memória, também pode ser explicada pelo árduo enfrentamento da tarefa, em razão da amplitude do país, com estágios tão diferenciados do fazer jornalístico, que dificultam, quando não impedem, a reconstituição total, circunstanciada e crítica dessa produção. Sem esquecer os caminhos da própria disciplina História, no interior da qual o debate em relação ao uso dos impressos periódicos ganhou especial destaque nas últimas décadas do século passado.

Na sua maioria, os trabalhos sobre imprensa no Brasil têm se voltado para análises pontuais e fragmentadas, por vezes pensadas em amplo espectro, mas que acabam interrompidas e inconclusas pela inviabilidade da magnitude da empreitada. Em geral, os tratamentos persistem sob a forma de recortes isolados, coletânea de textos e aportes variados sobre a temática. Esses artigos, teses e publicações específicas vêm permitindo a reconstituição crítica do processo histórico dos sucessivos suportes da comunicação, desde a chegada da imprensa e o primeiro jornal ao texto *on-line* do novo milênio. Trata-se de rica produção salteada que tem revelado acervos, recuperado conjunturas, sistematizado informações, organizado séries, inferido momentos decisivos desse percurso, mas que, por sua própria natureza, encontra-se bastante dispersa e pouco acessível ao pesquisador não especializado.

Curiosamente, atestando o papel versátil das revistas, couberam a veiculação dos primeiros estudos sobre a imprensa periódica no Brasil. A começar pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, que priorizou a colaboração valiosa do sócio Lafaiete de Toledo, divulgando a sua “Memória histórica”, de 1897, com o registro comentado de 1.536 jornais e revistas da Província/Estado de São Paulo.<sup>1</sup> O mesmo cuidado para com a temática foi dispensado pela mais tradicional publicação do gênero no país, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, que, em 1908, lançou tomo especial sobre o *Primeiro centenário da imprensa periódica no Brasil*.<sup>2</sup> Com prefácio de Max Fleuiss, trazia o estudo “Gênese e progresso da imprensa periódica no Brasil”, do bibliófilo Alfredo de Carvalho, autor pernambucano que percorreu documentação ampla e inédita para o delineamento da trajetória dos prelos no País.<sup>3</sup> Em 1911, saía o volume XIII da similar paulista, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, trazendo o ensaio “A Tipografia no Brasil”, de Estevão Leão Borroul, e outro, de Ernesto de Sena, “A Imprensa Régia”.<sup>4</sup> Em 1917, a mesma publicação retomava o assunto, por intermédio de seu sócio Afonso A. de Freitas, que contribuiu com minucioso estudo sobre periodismo – “A Imprensa Periódica de São Paulo” – registro comentado de 1.496 jornais e revistas da capital, a partir de 1823.<sup>5</sup> Ainda em 1919, Freitas acrescentava ao trabalho anterior “Notas à Margem do Estudo da Imprensa Periódica de São Paulo”;<sup>6</sup> no mesmo ano publicava

“O Primeiro Centenário da Fundação da Imprensa Paulista”, avançando na periodização apresentada anteriormente por Lafayete, discriminando jornais e revistas.<sup>7</sup>

Em 1940, firmada nossa editoração, os livros passaram a abrigar estudos dessa natureza. Os autores que elegeram a história da imprensa como tema de análise não mais se limitaram ao elenco de seus títulos, mas procuraram contextualizar aquela produção. Caminha nesse sentido o valioso e hoje raro trabalho de Gondim da Fonseca, iniciativa da Editora Quaresma em 1941, *Biografia do jornalismo carioca: 1808-1908*, em que o autor se travestiu em vários personagens de época, colocando-se como testemunha da história.<sup>8</sup>

Registre-se que na década de 1940 surgiram os primeiros cursos de jornalismo no Rio de Janeiro e São Paulo. O primeiro curso no país foi na Cásper Líbero, em 1947. Mas as escolas de jornalismo só iriam se firmar nos anos 1960.

Curiosamente, em 1945, publicou-se a obra *Contribuições à História da imprensa brasileira: 1812-1869*,<sup>9</sup> talvez o primeiro estudo sistemático sobre o tema, do acadêmico Hélio Vianna, que também foi o primeiro catedrático de História do Brasil da Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro. No ano seguinte, Carlos Rizzini, ainda no Rio de Janeiro, lançou *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil: 1500-1822*, pela Editora Kosmos, obra clássica e de fundamental importância para o entendimento histórico do impresso.<sup>10</sup> E em 1950 José Freitas Nobre contribuía com a *História da imprensa de São Paulo*, editado pela Leia, de São Paulo.<sup>11</sup>

Na tentativa de apresentar um estudo de cunho geral, global e total da história da imprensa, tem-se em 1966 o lançamento da obra de Nelson Werneck Sodré, *História da imprensa no Brasil*.<sup>12</sup> Embasado em alentada pesquisa desenvolvida ao longo de dez anos, o autor recuperou a trajetória do impresso no quadro mais amplo das relações capitalistas de produção. Em capítulos densos, situou a emergência e função do periodismo brasileiro, trabalhando aspectos até então desconsiderados pela historiografia, em particular o curso e a produção da imprensa operária no Brasil.

Nessa mesma década, o historiador José Honório Rodrigues contribuiu com sugestivo levantamento bibliográfico crítico sobre a história da imprensa ao lançar *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*, no qual arrolou a bibliografia pertinente, abran-

gendo a produção dos demais estados brasileiros. A crítica de Rodrigues, ao mencionar a dubiedade da fonte periódica, recaía no caráter meramente descritivo da maior parte das obras até então produzidas, lamentando sua limitação tão-só “à exata ou inexata narração dos periódicos e jornalistas”, desvinculados de um tratamento histórico crítico.<sup>13</sup> Este, sem dúvida, demandava rigoroso levantamento de fontes, pesquisas preliminares que ainda estavam por ser feitas e, em particular, o escrutínio de títulos. Em São Paulo, por volta de 1914, Afonso A. de Freitas, já levava a termo a empreitada quanto ao elenco paulista e, em 1967, o trabalho de Antonio Barreto do Amaral, *Nossas revistas de cultura: ensaio histórico e literário: 1833-1950* selecionava as publicações paulistas, trabalho pioneiro no gênero, sobretudo em razão do recorte paulista.<sup>14</sup>

No Rio de Janeiro, o esforço nesse sentido se deu por ocasião do IV Centenário do Rio de Janeiro, em 1965, quando a Biblioteca Nacional editou o *Catálogo de jornais e revistas do Rio de Janeiro de 1808 a 1889*,<sup>15</sup> no qual uma gama variada de revistas era elencada ao lado dos jornais. Sua importância para o estudo do periodismo, que então deslanchava, levou Plínio Doyle, diretor da Biblioteca Nacional, a lançar em 1981 a edição fac-similar desse número.<sup>16</sup> Diga-se que o próprio Plínio Doyle já encetara, em 1969, uma *História de revistas e jornais literários*,<sup>17</sup> em que desenvolveu a “biografia” de algumas revistas do elenco periódico, trabalho que em 1995 conheceu um segundo volume, especialmente dedicado à *Revista brasileira*.<sup>18</sup>

Ao final dos anos 1970, uma iniciativa auspiciosa. No Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), seu diretor José Aderaldo Castelo,<sup>19</sup> do Departamento de Letras da USP, concebeu amplo projeto de estudo de revistas do acervo daquela casa, notadamente sobre o modernismo. O esforço resultou em publicações qualificadas, contribuições efetivas para o entendimento do periodismo no Brasil, introduzindo nova metodologia para o tratamento das revistas, confirmando a necessária análise no panorama histórico mais amplo.<sup>20</sup> A partir de então, na esteira da produção do IEB, as revistas passaram a ser objeto de interesse de pesquisadores, fosse pelos diversos assuntos tratados em seu interior fosse como objeto de análise pontual de alguns títulos; acrescente-se, ainda, sua valorização, a partir do uso de fontes alternativas e diversificadas sugeridas, em particular, pela Nova História.

No decorrer dos anos 1970, estudiosos de diversas áreas contribuíram com trabalhos pontuais sobre o periodismo. Há tanto pesquisas regionais, como de nichos específicos. Na produção regional, o ensaio de Paulo Duarte – *História da imprensa paulista*<sup>21</sup> – resultou dos mais oportunos, sobretudo pelo seu testemunho pessoal a respeito da formação de parque gráfico em São Paulo, inferindo tendências e esclarecendo posições. Também nessa década, Barreto do Amaral deteve-se no nicho da imprensa acadêmica e divulgou o *Jornalismo acadêmico*, relação e exame de 230 jornais publicados pelo corpo discente da São Francisco, obra que comemorou os 150 anos de fundação da Faculdade de Direito.<sup>22</sup> Contribuição valiosa decorreu da produção da Escola de Comunicações e Artes, da USP, que na vertente do jornalismo desenvolveu pesquisas de fôlego, ampliando o espectro de análise.<sup>23</sup> No campo propriamente historiográfico, vale mencionar as reflexões pioneiras de Ana Maria de Almeida Camargo, sobre os procedimentos metodológicos que envolvem o uso de fontes periódicas, e o clássico estudo de Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado sobre os editoriais do jornal *O Estado de S. Paulo*, que abriram as portas para abordagens que fazem dos impressos periódicos fonte e objeto do historiador.<sup>24</sup>

Ao longo dos anos de 1990, a Nova História Cultural faz da reconstituição da cultura letrada no país – diga-se, de boa parte das publicações periódicas – um dos temas de eleição da historiografia acadêmica. Entre inúmeros trabalhos no gênero, a ampla pesquisa da historiadora Heloísa Faria Cruz preocupa-se com a coleta de referências sistemáticas da imprensa, voltada para a apreensão do *ethos* cultural urbano no quadro do avanço capitalista, percebido no desabrochar do parque gráfico paulista.<sup>25</sup> Também não foge desse escopo a pesquisa de Ana Luiza Martins, voltada para o levantamento exaustivo das revistas da “*Belle Époque* paulistana”, que trabalhadas como fonte histórica permitiram recuperar parte das transformações urbanas, das práticas culturais e do cotidiano da capital paulista.<sup>26</sup>

Assim, no cultivo de novas fontes e novos objetos para a pesquisa histórica, a imprensa tornou-se referencial para estudos de natureza diversa, retomada pelo registro da história oral, que tem expressiva contribuição nos trabalhos do Centro de Pesquisa e Documentação

de História Contemporânea do Brasil (CPDOC).<sup>27</sup> Somem-se, ainda, as modalidades de publicação nos gêneros biografia, livro de memórias e comemoração de efemérides – a exemplo dos 100 e 200 anos da imprensa no Brasil. Tem-se extraordinariamente ampliada a reflexão sobre o fazer jornalístico no país, que se procurou registrar na bibliografia apresentada ao final deste livro. Como última menção, registrem-se as conquistas técnicas que vêm permitindo a reprodução fac-similar ou via internet de obras raras e impressos periódicos de consulta otimizada. Os *Catálogos de periódicos brasileiros microfilmados*, iniciativa da Fundação Biblioteca Nacional, figuram como repositório da maior importância para o mapeamento desta produção periódica brasileira.<sup>28</sup>

A agilidade da informação, pois, sugere que se encerre por aqui essa apresentação de *História da imprensa no Brasil*. Que se inicia virando a página seguinte, em que capítulos sucintos apresentam os caminhos da imprensa no Brasil.

## Notas

- <sup>1</sup> Lafaiete de Toledo, “Memória histórica”, in RIHGSP, III, 1897.
- <sup>2</sup> “Primeiro centenário da imprensa periódica no Brasil”, in RIHGB, tomo especial, v. I, 1ª parte, 1908.
- <sup>3</sup> Ver ainda: Alfredo de Carvalho, Anais da imprensa periódica pernambucana de 1821 a 1908, Recife, Jornal do Recife, 1908.
- <sup>4</sup> RIHGSP, v. XIII, 1911, pp. 5-60.
- <sup>5</sup> Afonso A. de Freitas, “A imprensa periódica de São Paulo 1823 -1918”, in RIHGSP, v. 82, 2ª parte, 1917.
- <sup>6</sup> Idem, “Notas à margem do estudo da imprensa periódica de São Paulo”, in RIHGSP, v. 25, 1919.
- <sup>7</sup> Idem, “O primeiro centenário da fundação da Imprensa Paulista”, in RIHGSP, v. 25, 1919.
- <sup>8</sup> Gondim da Fonseca, Biografia do jornalismo carioca: 1808-1908, Rio de Janeiro, Quaresma, 1941. Devemos a descoberta e aquisição dessa obra à Ilka S. Cohen, pelo que somos muito gratas.
- <sup>9</sup> Hélio Viana, Contribuições à história da imprensa brasileira: 1812-1869, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945.
- <sup>10</sup> Carlos Rizzini, O livro, o jornal e a tipografia no Brasil: 1500-1822, Rio de Janeiro, Kosmos, 1946.
- <sup>11</sup> José Freitas Nobre, História da imprensa de São Paulo, São Paulo, Leia, 1950.
- <sup>12</sup> Nelson Werneck Sodré, História da imprensa no Brasil, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
- <sup>13</sup> José Honório Rodrigues, Teoria da história do Brasil: introdução metodológica, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969, p. 198.
- <sup>14</sup> A. Barreto do Amaral, “Nossas revistas de cultura: ensaio histórico e literário 1833-1950”, in separata da Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, 1967, n. CLXXIV.
- <sup>15</sup> “Catálogo de jornais e revistas do Rio de Janeiro (1808/1889)”, in ABN, v. 85, Rio de Janeiro, 1965.
- <sup>16</sup> “Catálogo de jornais e revistas do Rio de Janeiro (1808/1889)”, in ABN, v. 85, edição fac-similar.
- <sup>17</sup> Plínio Doyle, “História das revistas e jornais literários”, separata da Revista do Livro, n. 37, Rio de Janeiro, INL, 1969.

- <sup>18</sup> Plínio Doyle; H. C. de Lyra; H. Senna; I. S. do Couto, *História de revistas e jornais literários: índice da Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, MEC/FCRB, 1995, v. II.
- <sup>19</sup> José Aderaldo Castello, Prefácio ao trabalho de Roselis Oliveira de Napoli, *Lanterna Verde e o Modernismo*, São Paulo, IEB/USP, 1970, sobre a metodologia do projeto. Detalha-o mais, Margareth Abdulmassih Wood da Silva, “O projeto de estudo de periódicos do IEB da USP”, in *Revista do IEB*, São Paulo, 21, pp. 117-22, 1979.
- <sup>20</sup> Roselis Oliveira de Napoli, op. cit.; Cecília de Lara, *Nova cruzada*, São Paulo, IEB/USP, 1971; Antonio Dimas e Rosa Cruz, *Contribuição ao estudo do simbolismo*, São Paulo, IEB/USP, 1980; Maria Lúcia Fernandes Guelfi, *Novíssima: estética e ideologia na década de vinte*, São Paulo, IEB/USP, 1987, entre outros.
- <sup>21</sup> Paulo Duarte, *História da imprensa em São Paulo*, São Paulo, ECA/USP, 1972.
- <sup>22</sup> A. Barreto do Amaral, “Jornalismo acadêmico”, in R.A.M., n. 190. Ver ainda Maria Nazareth Ferreira, *Imprensa operária no Brasil: 1880-1920*, Petrópolis, Vozes, 1978; Mirian N. Ferrara, *Imprensa negra paulista*, São Paulo, FFLCH, 1986.
- <sup>23</sup> Entre outros: José Marques de Melo, *Sociologia da imprensa brasileira*, Petrópolis, Vozes, 1973; Raul C. Rosinha, *Os periódicos brasileiros de agricultura*, Brasília, DNPEA, 1973; João Gualberto de Oliveira, *Nascimento da imprensa paulista*, São Paulo, Ed. do Autor, 1978; Olao Rodrigues, *História da imprensa de Santos*, Santos, Ed. do Autor, 1979; Dulcília Buitoni, *Mulher de papel. A representação da mulher na imprensa feminina brasileira*, São Paulo, Edições Loyola, 1981.
- <sup>24</sup> Ana Maria de Almeida Camargo, *A imprensa periódica como fonte para a história do Brasil*, in Eurípides Simões de Paula (org.), *Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*, São Paulo, Seção Gráfica da FFLCH/USP, v. II, pp. 225-39, 1971; Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado, *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Alfa-Omega, 1980.
- <sup>25</sup> Heloísa Faria Cruz, *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)*, São Paulo, Educ/Fapesp, 2000.
- <sup>26</sup> Ana Luiza Martins, *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*, São Paulo, Edusp/ Fapesp/Imesp, 2001.
- <sup>27</sup> Ver: Alzira Alves de Abreu; Fernando Lattman-Weltman; Dora Rocha (orgs.), *Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC*, Rio de Janeiro, FGV, 2003.
- <sup>28</sup> *Catálogos de periódicos brasileiros microfilmados*, Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional/ Departamento Nacional do Livro, 1994.